

Markič, Jasmina e Nunes Correia, Clara (eds.) (2013): *Descrições e contrastes. Tópicos de gramática portuguesa com exemplos contrastivos eslovenos*. Ljubljana: Znanstvena založba Filozofske fakultete. pp. 152.

O trabalho publicado é o primeiro manual de português no espaço da língua eslovena, destinado principalmente aos alunos eslovenos de línguas românicas da Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Ljubljana. O estudo da língua e da literatura portuguesas está apenas a abrir o caminho para um dia se tornar curso de licenciatura, percurso que o castelhano realizou e alcançou em 1982, e o francês e o italiano, obviamente, ainda muito mais cedo. O manual, no entanto, destina-se também aos alunos de outros cursos de língua e, por último, mas não menos importante, a todos aqueles que se sentem atraídos por esta língua românica. Além disso, mas numa escala menor, o manual destina-se também aos alunos portugueses que através do esloveno desejam conhecer algumas das questões-chave do mundo das línguas eslavas. A etiqueta ‘manual’ é apenas parcialmente correta. Parte do pressuposto de que o aluno esloveno que consultar o livro já terá alguns conhecimentos básicos e estáveis da língua portuguesa, embora para um estudante estrangeiro, um não-português, sejam sempre muito úteis, por exemplo, as tabelas das conjugações verbais ou das formas de pronomes. O manual foi concebido como um manual contrastivo, e o nível científico é muito alto. É fruto da colaboração de duas faculdades de orientação humanística, ou seja, a Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Ljubljana e a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É nessas duas instituições científico-educacionais que exercem as suas atividades científicas e pedagógicas todos os colaboradores, ou melhor dizendo, corrigindo esta última asseveração, todas as colaboradoras neste projeto, pois a tarefa difícil de contrastar as questões fundamentais das duas línguas em causa foi assumida por várias cientistas.

Os capítulos escolhidos, ou seja, *os tópicos da gramática portuguesa* atingem as questões verdadeiramente mais difíceis da morfossintaxe. Os outros capítulos da língua portuguesa não são tratados no livro, pelo menos só por enquanto, como é de esperar. As questões básicas são muitas, e logo para a área do verbo é suficiente referir uma das particularidades do português, nomeadamente *o infinitivo pessoal*, ou seja, o infinitivo que marca a pessoa verbal, o que constitui, tanto para os falantes não lusófonos duma das línguas românicas como para os bons conhecedores de uma língua românica, uma surpresa total e, por isso, um fenómeno tanto mais surpreendente para um

aluno esloveno. Por outro lado, o aluno português pode ter problemas com a aquisição das declinações de substantivo, dado que as línguas românicas não conhecem as declinações, com a pequena exceção do romeno. Assim, foi uma decisão razoável apresentar no manual os padrões das declinações de substantivos. Por outro lado, é extremamente difícil para o aluno esloveno o uso correto de preposições que nas línguas românicas, na posição ao lado do substantivo petrificado, substituíram as declinações. Outro problema que pode surgir para um estudante português parece ser também a existência do dual, tanto no caso do verbo como no caso do substantivo e do pronome. A marcação do dual é uma das peculiaridades da nossa língua.

O manual é concebido muito ambiciosamente: são tratadas as questões-chave mais relevantes para o conhecimento do português, nomeadamente o pronome pessoal e o demonstrativo, o artigo tanto definido como indefinido e, com uma preocupação especial, o verbo, sempre em contraste com a situação em esloveno, no seu aspeto, tempo e modo. A abordagem é sincrónica, tratando-se o estado atual da língua, e dando-se na maioria das vezes ênfase ao facto de que a variedade que se apresenta é o português europeu e que na variedade brasileira desta mesma língua há fenómenos linguísticos diferentes. Assim, por exemplo, menciona-se a colocação do pronome ao lado da forma verbal, e chama-se a atenção para a estabilidade da estrutura *estar + gerúndio* como expressão dum estado, o que coincide, por exemplo, com a situação em italiano (*stare leggendo*), enquanto se desenvolveu, no português europeu, uma perífrase verbal constituída pelo mesmo auxiliar, só que acompanhada de uma preposição e um infinitivo, parecida à do francês (*être en train de lire*). Problemas linguísticos são apresentados em sincronia, ou seja, trata-se a língua moderna. Apenas Maria Teresa Brocardo apresentou uma visão diacrónica, nomeadamente em relação à emergência do artigo definido na posição ao lado do nome e em relação aos valores e ao uso dos paradigmas verbais do passado. A esta análise a professora muito adequadamente deu o título *O pretérito perfeito composto – origem e evolução histórica*. A filologia românica dificilmente renuncia à possibilidade de comparações com as estruturas latinas, com a fase anterior das línguas românicas. As línguas germânicas, no entanto, não conhecem tais comparações e menos ainda as línguas eslavas. Para clarificar o uso deste sintagma verbal no passado, são muito valiosas as averiguações da autora de que em português antigo e médio, até aproximadamente meados do século XVI, no caso de um pequeno número de verbos intransitivos como *chegar*, *nascer* ou *morrer* ainda encontramos como auxiliar das formas compostas o verbo *ser*. Os textos literários do mesmo período, principalmente as crónicas,

testemunham, no entanto, que entre o uso do paradigma simples herdado do latim e o paradigma composto românico já não há diferenças semânticas. A autora chama a atenção para tal construção, que na realidade nem é realmente uma inovação românica, porque a conheciam os verbos depoentes latinos tanto para ações como para estados. Há exemplos que atestam que na época antiga o particípio ainda concordava com o nome e ainda não fora endurecido, como é hoje em dia. Especialmente para o português, será importante notar que na mesma época antiga aparecem como auxiliares tanto *haver* como *ter*, que como verbos de significação plena não eram totalmente equivalentes. Maria Teresa Brocardo prova que *haver* denota uma posse permanente, estrita, o que é, naturalmente, evidente a partir do contexto (*X há um filho*, *X há nome*, ‘chama-se’), enquanto o verbo *ter* serve para denotar uma relação temporária, transitória (‘posse temporária’). A autora observa ainda que a não-concordância do particípio com o substantivo já é dominante nos textos do século XV e que naquela época frequentemente ocorre como auxiliar o verbo *ter*. A mesma linguista ainda tratou diacronicamente outro capítulo do sistema morfossintático do português, o uso do artigo definido e parcialmente também do artigo indefinido. A autora observa alguma discordância entre a língua da Idade Média e a situação atual: a norma, pelo menos em português europeu, exige o uso do artigo definido na anteposição do pronome possessivo, *o meu pai*, ao passo que os textos literários do final da Idade Média, muitas vezes, apresentam só o pronome possessivo.

O manual é principalmente uma ajuda valiosa para o aluno ou aluna do espaço da língua eslovena, ansioso ou ansiosa por adquirir conhecimentos do português. No entanto, para alunos portugueses são cuidadosamente registadas as formas de declinações do substantivo, e para as duas línguas em comparação também, obviamente, os paradigmas verbais; os chamados paradigmas verbais “irregulares” são apresentados de forma muito clara. Para português, não só encontramos aqueles paradigmas notórios, que há muitos, ao contrário da língua eslovena, que não tem verbos irregulares, com exceção do verbo de existência que assumiu o papel de auxiliar na formação das formas verbais compostas. Além das fórmulas muito peculiares, o verbo português apresenta também alguns traços muito exigentes para estrangeiros. Tomemos em consideração, e para clarificar o assunto, verbos como *perder*, na 1ª pessoa do singular *perco*, ou *vir*, *venho*. O manual refere-os claramente: é destinado para os alunos eslovenos que têm que ter à sua disposição também o lado morfológico do português. O que temos diante de nós é um manual *sui generis*, concebido altamente (qual o sentido aqui?), dado que são tratados só dois conjuntos da

morfossintaxe, embora estes dois de uma maneira exaustiva: o pronome, tanto o pessoal, e em particular o demonstrativo, como também, por causa da completude da fórmula, o indefinido, e o verbo em todos os seus aspetos mais atrativos e exigentes: tempo, aspeto e modo. Não surpreende que mais atenção se preste à situação linguística atual, ou seja, que na elaboração do manual predomine a visão sincrónica da língua, tanto para o uso dos determinantes bem como para o verbo, já que o livro se destina para este fim. Encontramos deste modo as análises elaboradas para o português contemporâneo nos estudos da Clara Nunes Correia e da Maria Francisca Xavier, sem esquecer de fazer acompanhar o sistema da língua portuguesa com uma apresentação da língua eslovena, o que foi exemplarmente realizado por Mojca Medvedšek e Blažka Müller Pograjc. Mediante tabelas, tanto no caso do verbo como no caso dos pronomes, é dada a oportunidade de comparar as duas línguas, com respeito às formas e também com exemplos quando há desacordos entre elas. Mais especificamente, desacordos em morfossintaxe, ou mesmo quando há valores semânticos diferentes. Assim, no caso de certos verbos, são registados alguns exemplos, como *há três dias* ‘tega je tri dni’, o que não é traduzível em esloveno com o verbo *haver*. Com isso, estamos já no campo da esfera de difícil uso de tempos verbais, o tema que as autoras resumiram numa fórmula sintética *aspeto - tempo - modo*. No que respeita ao aspeto, a característica mais importante será que as línguas eslavas, e no contexto eslavo também o esloveno, têm um sistema completo para esta dimensão do verbo em todos os paradigmas dos tempos verbais. No entanto, no âmbito das línguas românicas, e portanto também em português, o aspeto, entendido principalmente como uma oposição entre o perfeitivo e o imperfetivo, revela-se nitidamente, na esfera do passado, na oposição do pretérito perfeito simples ou composto em contraste com o imperfeito. Note-se que na esfera do presente, para expressar o aspeto, é necessário encontrar alguma outra possibilidade, por exemplo, recorrer ao emprego de uma das perífrases verbais. Dedicou ao aspeto verbal um estudo exaustivo Jasmina Markič. Observa que em esloveno a oposição entre o valor aspetual perfeitivo e o valor aspetual imperfetivo é de índole essencial e em todos os contextos relativamente bem visível, enquanto em português, salvo na oposição morfossintática que acabámos de referir, só quando a ação verbal está expressa por dois verbos diferentes: por exemplo, *dizer - falar*. Esta possibilidade é bem conhecida também em esloveno, com a oposição na semântica dos verbos *reči - govoriti*. Não obstante, é preciso ter em conta também outra dimensão, chamada *Aktionsart* na literatura alemã sobre o verbo (em português talvez a melhor denominação fosse *ação verbal*). A linguista eslovena

admite que em alguns contextos se poderá considerar neste termo também o domínio morfológico, embora, obviamente, sobretudo lexical, sabendo que o aspeto é uma expressão morfossintática, em que o verbo denota as diferentes realizações de acontecimentos linguísticos, nomeadamente iteração, início ou resultado duma ação. Refere também que os verbos imperfetivos eslovenos se tornam perfetivos mediante diversos e numerosos prefixos, por exemplo, *od* para o verbo *odpeljati*, o que se pode traduzir adequadamente para o português com *transportar algo a algum lugar*. Para o verbo *sentar* em esloveno, é possível detectar três aspetos diferentes: *sedam* (ação imperfetiva e iterativa: *sento-me repetidamente*), *sedem* (ação perfetiva: *sento-me*), *sedim* (estado: *estou sentado*). A hispanista eslovena dedicou uma atenção especial às perífrases verbais, sendo estas portadoras de valores temporais ou aspetuais. Neste sentido, aceita os pressupostos linguísticos de que as perífrases se gramaticalizam ao longo do tempo e neste processo vão perdendo o seu conteúdo lexical. Para a romanista tal fenómeno não é surpreendente, dado que no latim falado o mesmo esvaziamento lexical aconteceu aos verbos *ESSE* e *HABERE* que antigamente tinham significados plenos. A investigadora verifica que a língua eslovena não possui muitas perífrases verbais, por isso é preciso marcar, por exemplo, um estado no presente mediante algum advérbio temporal, por exemplo, na oração *O José está a ler o jornal*, aliás, em português do Brasil um pouco diferente: *está lendo o jornal*. Explica para o estudante português que a tradução mais adequada para esloveno seria *Jože bere časopis zdaj, v tem trenutku*. Atualidade, ou seja, a situação a decorrer no momento presente é dada com o advérbio temporal.

A língua eslovena, para marcar modalidade, não conhece o modo conjuntivo, que as línguas românicas herdaram do latim. Por esta razão é adequado ou até preciso que o manual dê atenção ao uso do conjuntivo tanto nas frases subordinadas como *É muito provável que chova*, onde se marca o conteúdo hipotético ou incerto, como nas subordinadas, cuja frase principal ou subordinante expressa um desejo: *Quero que faças isto*. Em esloveno, no entanto, é possível expressar uma opinião pessoal ou tal desejo com o condicional na frase subordinada. Às vezes também com o futuro.

O manual trata de mais uma área importante: o uso e os valores dos pronomes e o uso do pronome demonstrativo, relacionado com o uso do artigo definido ou indefinido. Podemos observar que não há grandes diferenças entre o uso básico dos pronomes pessoais, sendo que a maior dificuldade para o usuário esloveno está nas formas átonas e na sua distribuição em frases complexas: quando são realizados em *mesóclise*, como mostra o exemplo: *Enviar-te-ei um*

*convite*. Outro grande problema para um estudante de português é o uso do artigo definido ou indefinido. A abordagem diacrónica é apresentada por Maria Teresa Brocardo e a abordagem sincrónica por Clara Nunes Correia. A situação na língua eslovena é descrita por Mojca Medvedšek. O uso do artigo indefinido para um estudante esloveno não apresenta grandes dificuldades. O determinante artigo indefinido estabelece quer a relação com o sistema de numerais quer com quantificadores como *qualquer, algum, nenhum*, como em esloveno. O exemplo *encontrei um rapaz na praia* mostra essa ambiguidade tanto em português como em esloveno. As duas línguas têm a mesma possibilidade de pluralização do indefinido *um* como indefinido ou como numeral - *uns/ alguns vinhos*. Para um usuário de língua portuguesa esloveno a verdadeira dificuldade reside no uso do artigo definido. Em esloveno não há marcas específicas para os determinantes artigos definidos, sendo a expressão do determinante definido feita em esloveno através de outros determinantes, como por exemplo o demonstrativo. Talvez não seja o mais importante o facto de que em algumas ocorrências de definidos no português do Brasil o uso dos determinantes pode apresentar diferenças, salientando-se aqui a não ocorrência de definido com o possessivo, ou a não especificação pelo definido de nomes próprios de pessoas. Um estudante deve aprender que as expressões nominais são, pela regra geral, especificadas através de um conjunto de formas linguísticas que se integram na classe dos determinantes e que o uso deles é obrigatório, quer para marcar o valor de unicidade quer para marcar o valor de classificação ou de especificação: a Prof. Correia cita os exemplos pertinentes *O homem é mortal* e *Está ali o homem para falar contigo*. Considero extremamente útil do ponto de vista de um estudante a nota final sobre *um* + os nomes que ocorrem como modificadores nominais que podem ocupar uma posição posposta ou anteposta ao nome. A Prof. Correia explica os exemplos *Vi uma certa pessoa* e *Encontrei uma pessoa certa*, dando conta de valores de *um* diferentes quando o adjetivo ocupa a posição pós-nominal ou pré-nominal. A posição do adjetivo (pós e pré-nominal) provoca interpretações diferentes também em italiano: *una semplice questione* significa ‘só uma pergunta, somente uma pergunta’ enquanto *una questione semplice* significa ‘uma pergunta simples, nada difícil’. A língua eslovena não permite essa deslocação: a posição de adjetivo explicando um valor qualitativo é sempre pré-nominal.

Finalmente, o manual toma em linha de conta que os estudos, não só dos determinantes, devem ser incluídos no estudo mais vasto dos mecanismos construtores de referência, isto é, dos mecanismos que as línguas têm disponíveis para que possamos representar o mundo que nos rodeia.

No final do manual encontra-se um conto da escritora portuguesa Sophia de Mello Breyner Andersen, *Homero*, seguido da uma tradução exemplar das Blažka Müller Pograjc e Mojca Medvedšek. *Uma leitura de Homero* precede o texto original, bem como uma análise linguística exaustiva, onde entre outras análises encontramos a explicação dos valores do pretérito imperfeito e pretérito perfeito simples. Como sabemos, o esloveno não conhece a distinção aspetual entre os dois tempos do passado, pelo que usa só o valor aspetual do verbo para marcá-la.

O manual termina com *Referências bibliográficas* extensas, onde encontramos as obras citadas nos artigos. Na maioria dos casos são as obras que tratam os mesmos tópicos, tanto nas línguas românicas como em português, e as obras dos linguistas eslovenos que analisam os mesmos problemas linguísticos em esloveno. A curta apresentação das investigadoras que colaboraram no projeto bilateral dá a conhecer o grupo de investigação esloveno-português. Este manual é o primeiro fruto concreto da colaboração intensa entre duas instituições universitárias e representa o primeiro intercâmbio científico e pessoal frutífero entre ambos países. Esperemos que o projeto e o manual como tais motivem novas vertentes de investigação e futuras formas de cooperação.

Gostava de repetir que o manual foi concebido como uma apresentação básica dos tópicos da gramática da língua portuguesa e a sua comparação com a língua eslovena dentro do sistema morfossintático. As minhas observações tocaram este aspeto. Com o desejo de que as ilustres linguistas no futuro continuem com análises contrastivas também em áreas da língua, nas duas línguas, gostaria de comentar pelo menos um problema da área do vocabulário.

Não é provável que o português tivesse transmitido qualquer coisa ao esloveno. Por uma razão sinistra, deixem-me citar o *avtodafé* ou COLUBRA em latim, que se transforma em *cobra* (pt., cast.). O termo para o réptil ofídio em esloveno é *kobra*, porém o francês não conhece a omissão da sílaba não acentuada em *couleuvre*.

Há uma característica lexical que é demasiado interessante para não expô-la: a denominação dos dias da semana. Os portugueses obviamente deixaram a denominação respeitosa dos deuses latinos relacionada com os dias e, em vez de celebrar o dia da deusa da beleza e do amor, escolheram a maneira mais prosaica de contar: *sexta-feira*. O esloveno, tal como as outras línguas eslavas, também escolheu essa possibilidade de contar os dias, em língua eslovena o *četrtek* é ‘o quarto dia da semana’. Mas essa proximidade é só aparente.



Escrevendo o presente artigo em 2014, posso dizer que um jornalista esloveno pode traduzir/escrever, tentando transmitir a informação de maneira seguinte: *o jogo terá lugar em 'petek'*, como tradução de '*quinta-feira*'. *Petek* em esloveno significa 'o quinto dia da semana', e o significado não corresponde à expressão *quinta-feira*. A correspondência é só aparente, parecida só pelo facto de que as duas línguas contam os dias. Em línguas românicas é a tradição do latim e nas germânicas trata-se, na maioria dos casos, dos calques. Os eslavos tinham retomado essa denominação nominal depois de se tornarem cristãos nos anos 500 e celebrarem DIES DOMINICUS como dia santo e ao mesmo tempo o último dia da semana. O árabe, nesse sentido, segue a mesma lógica que a língua portuguesa: o *sabbath* tinha persistido no árabe e a contagem começa no dia que o segue, de acordo com o uso da Vulgata onde podemos ler: *Sero autem post sabbatum, cum illuisceret in prima sabbati, venit Maria Magdalena et altra Maria videre sepulcrum*, Mateus, 28,1. A tradução para o castelhano diz: *Pasado el sábado, ya para amanecer el día primero de la semana, vino María Magdalena, con la otra María*.

Não é possível que o árabe tivesse imposto o seu próprio sistema à língua portuguesa. O castelhano não conhece esse tipo de denominação e o árabe estava muito menos presente como língua dominante, embora se usasse como língua de cultura. De todas formas, a influência árabe só era possível a partir de século VIII ou IX. Na *História Concisa de Portugal*, José Hermano Saraiva diz (7ª edição, p. 32): »O único idioma neolatino donde foi possível suprimir completamente a nomenclatura baseada na mitologia pagã foi o português: *secunda, tertia, quarta feria ... (post sabbatum)* eram expressões de origem litúrgica«. O autor citado esqueceu-se de que a origem litúrgica segue o padrão judaico e a prova encontra-se tanto nos quatro evangelhos como no citado evangelho de Mateus. Para os Judeus, o dia do Senhor era o *sabbath* - e o dia que se seguia a este 'o primeiro dia'. Nas línguas românicas esta denominação não persistiu por causa da implantação do *domingo, dimanche, domenica*, e resulta que a língua portuguesa foi a única que preservou o sistema da denominação judaica. Este sistema ter-se-á inserido já na época da dominação romana da Península Ibérica, no tempo das migrações das fortes comunidades judaicas, ou em épocas ainda anteriores, quando no ano 70 d. C. os Romanos tinham assaltado e queimado Jerusalém, escravizando a população da cidade ou causando o exílio. A comunidade judaica no tempo dos Romanos era ou tolerada ou perseguida. Já no tempo dos Visigodos, os Judeus tornaram-se a elite cultural por causa das escolas em qualquer parte da Europa.



Permitam-me no final deste texto citar um pequeno trecho da história intelectual da Península Ibérica e do povo Judeu. Baruch Espinoza, um grande filósofo do século XVII, nasceu em 1632 em Amesterdão no seio de uma família judaica portuguesa, descendente de Judeus que tinham sido perseguidos no tempo da Inquisição e tinham buscado exílio em países mais tolerantes como Holanda e Alemanha. Espinoza terminou a escola da comunidade judaica portuguesa, o que prova a existência e a tradição das escolas judaicas em Portugal, a sua importância e o alto nível cultural que tinham.

É através deste pormenor que podemos entender que o *domingo* no mundo católico português persistiu como o dia santo, dedicado ao senhor, mas que o dia seguinte tomou o nome observando o sistema judaico – *segunda-feira*.

Mitja Skubic

Universidade de Ljubljana

Tradução: Blažka Müller Pograjc, Mojca Medvedšek